



DIDÁTICA INSTRUMENTAL, DIDÁTICA FUNDAMENTAL E DIDÁTICA OMNILATERAL: COMPREENSÃO NECESSÁRIA PARA UM CURRÍCULO EMANCIPADOR

Helen Ribeiro de Jesus¹ (UEG)
Samuel Pedro Gonzaga² (FAI/ FAFIRE)
Andréa Kochhann³ (UEG/UnB)

GT 12 – CULTURA ESCOLAR, FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO E CURRÍCULO

RESUMO

Esta tessitura tem por objetivo discutir as didáticas instrumental, fundamental e omnilateral que em compreensão promoverá para além de aprendizagens técnica, humana e política, também poderá combater os saberes e fazeres hegemônicos. Este tema ilumina as ideias sobre a didática e suas interfaces com o mundo das práticas das aprendizagens. Por isso, iremos fazer uma breve retomada sobre o histórico da didática, apresentando a didática tradicional ou instrumental, bem como a didática fundamental com a discussão da multidimensionalidade e por fim apresentar a didática omnilateral como possibilidade de práticas de ensino contra-hegemônicas. A problemática de didática e práticas de ensino, presentes no currículo, perpassa tanto a formação quanto o trabalho docente, um podendo ser reflexo do outro. Destarte, é preciso discutir sobre a temática. Segue o paradigma qualitativo de pesquisa, pautado pelos pressupostos da pesquisa bibliográfica e documental segundo Mynaio (2002) e permeia os conceitos de reflexão crítica da didática em Candau (1996, 2012, 2013), Gramsci (1995, 2004), Saviani (1996, 2011) e outros. Os dados foram levantados e apurados durante os encontros mensais do GEFOPI – Grupo em Formação de Professores e Interdisciplinaridade da UEG - Universidade Estadual de Goiás. Os resultados indicam a importância da didática no processo reflexivo dos professores em formação, em sala de aula, nos cursos comunitários, nos currículos formativos, entre outros, que criam possibilidades de aberturas de novos olhares não hegemônicos pela cultura escolar capitalista neoliberal que impede o desenvolvimento da equidade entre o educar e o trabalho. Tomamos como princípio de discussão os conceitos de didática instrumental e fundamental e, apresentamos o conceito de didática omnilateral, como vir a ser de uma didática para a emancipação.

Palavras-Chave: Didática Instrumental. Didática fundamental. Didática omnilateral.

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia da UEG Câmpus Luziânia. helenribeiro98@gmail.com

² Pedagogo pela FAI Faculdade de Itapuranga. Especializando pelo FAFIRE – Recife - Pe. samuelpedrogonzaga@hotmail.com

³ Pedagoga pela UEG. Especialista em Docência Universitária pela UEG Mestre em Educação pela PUC - GO. Doutoranda em Educação pela UnB. Docente da UEG. andreakochhann@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

Esta tessitura mediará às relações da didática perante as mudanças que a educação vem sofrendo com severos avanços neoliberais na LDB 9394/96, Leis Federais, Estaduais e Municipais. Este poderio se instaura com o conservadorismo hegemônico capitalista no Brasil. Falta de incentivos aos profissionais educadores, tornando a profissão de professor algo sofrível e desinteressante como planos de cargos e carreiras, unidades escolares e IES não condizente com as necessidades que os estudos e trabalhos. Muito se houve falar em falta de incentivo a pesquisa e material didático muitas vezes não acessível às unidades escolares e IES, entre outras, bem como novos avanços e projetos são excluídos das reuniões governamentais quando o regime político-econômico é hegemônico capitalista.

A educação é um viés significativo quando toca as questões epistemológicas, já que seu foco é a formação humana. Por isso, na sua utilidade real, haverá sempre grandes possibilidades de reversão deste quadro, um tanto caótico que vem afetando e reconfigurando a educação brasileira, neste período contemporâneo pelo regime hegemonia que se instaura. As formas que fortalecem e embasam as práticas políticas hegemônicas são constituídas nas manipulações dos poderes, e envolvem diversos meios de comunicações, tais como: escolas, IES, revistas, livros didáticos, redes sociais, noticiários e entre outras que cristalizam as mentes e olhos. Mas, são as escolas o *locus* que possuem uma grande ordem numérica de multidimensionalidades, pois são seres humanos complexos, diversificados que frequentam este lar doce lar dos saberes.

São elas, as escolas que formam os cidadãos do amanhã. As searas educativas são seleiros férteis para acortinar ideias opressoras, preconceituosas e etc, que vislumbrará caminhos que descolonizem as mentes dos habitantes dos centros educativos e das sociedades, que irá sulevar uma educação crítica, emancipadora e libertária. A sociedade elitizada tem acesso a uma educação privada, e reconhecem as ações autocrática, de posicionamento cruel e excludentes, como algo necessário, já que em suas mentes impera a formatação dicotômica: sul e norte, negro e branco, escolas de ricos e escolas de pobres e etc. Entretanto, para os pobres que não tem possibilidades de ter uma formação com possibilidades emancipatória, continuaram na subalternização do pensar, na formação apenas para o trabalho profissional oprimido e tecnicista sem a presença fundamental do doce prazer que é a vida humana, e sem



perspectivas de uma educação emancipadora e com liberdade de expressão. Para tanto, iremos aproximar as ideias da didática instrumental, didática fundamental e a didática omnilateral, como pano de fundo para debatermos possíveis caminhos que nos favoreçam desconstruir os pensamentos contrários, que corroem as faces do desenvolvimento humano nas instituições sociais. Defendemos uma formação teórica e prática do educador pela alteridade e equidade, com discursos contra hegemônicos que despertem para uma prática didática humanizada, que perceba como ocorre as relações sociais pelas questões materiais e que nada é por acaso ou porque Deus quer. E que a sua função primordial seja para a formação da sociedade do século XXI, que vai para além de formar seres sociais, sendo motivadores das multidimensionalidades inseridos em uma totalidade contraditória.

Esta tessitura tem por objetivo discutir e analisar as didáticas instrumental, fundamental e omnilateral que em compreensão promoverá para além de aprendizagens técnica, humana e política, pode vir combater os saberes e fazeres hegemônicos. Segue o paradigma qualitativo de pesquisa, pautado pelos pressupostos da pesquisa bibliográfica e documental segundo Mynaio (2002) e permeia os conceitos de reflexão crítica da didática em Candau (1996, 2012, 2013), Gramsci (1995, 2004), Saviani (1996, 2011) e outros.

RECORTES SOBRE A DIDÁTICA E A DIDÁTICA INSTRUMENTAL

Este tema ilumina as ideias sobre a didática e suas interfaces com o mundo das práticas das aprendizagens. Por isso, iremos fazer uma breve retomada sobre o histórico da didática. “No entanto, esta problemática só pode ser adequadamente compreendida se for historicizada”. (CANDAU, 2012, p.14). A didática é uma expressão originada do latim (*didaktikî*) que origina como técnica e/ou a arte de ensinar. Para Comênio (1592-1672) a didática é uma metodologia de se ensinar tudo a todos, sem fazer distinção criteriosa. Mesmo sabendo que ao incluir o 'todos' a didática magna trataria neste momento cuidar da educação sem restrição que eram vistas por Comênio como carentes. Usava o discurso de pastor, para ajudar o outro, pois sabia que eram ‘seres da natureza’ do criador ‘Pai Eterno’ e em especial o seu grandioso amor era pelas crianças. Sendo assim, era criada na didática magna a escola infantil, juvenil e adultos, bem como os necessitados, pobres, pessoas com deficiência surgindo as primeiras salas para a ‘educação especial’. Sem saber que somos e aprendemos na diversidade, iria demandar propostas didáticas apropriadas para cada caso, disciplinas e conteúdos construídos com



rotinas significativas para que o aprender fosse motivador. Já que somos multidimensionais, políticos, humanos e técnicos (aprendemos entre metodologias e teorias do aprender a aprender) Candau (2013). Para Morin (2002) somos seres dotados de complexidades, químico, físico, biológico, histórico, social e cultural.

As práticas didáticas desembarcaram no Brasil por volta do século XVI, nas companhias dos Jesuítas (*Ratio Studiorum*), que tinham missão de catequizar os povos brasileiros, e com intenção de formar novos missionários. Já que ato de educar seria para os mais afortunados, os de família nobres e não para todos. Ficando para os trabalhadores a parte técnica do aprender com intenção de formar massa trabalhadora. Impedindo o ato educativo que liberta o homem da escravidão do trabalho, entendo que ambos poderão caminhar juntos criando a proposta omnilateralidade. Para Araújo (2012) os povos indígenas brasileiros e do Pará, desenvolvia suas práticas com cerâmicas, caça, pinturas, danças, agricultura, alimentos entre outros saberes e fazeres. Desenvolvia seus trabalhos e educação na unicidade, tinham o que podemos citar uma ‘didática indígena’ que favoreciam a todos, com seus meios de vivências e respeitos mútuos com equidade, cuidando do coletivo retroalimentando sua ancestralidade. Para Nogueira (2012) uma proposta Ubuntu. Contudo, em contato com estes povos com seus *modus operandi*, os jesuítas tiveram sua oportunidade de aprender sobre práticas sociais educativas no coletivo, segundo Araújo (2008). Assevera Manfredi (2002) foram os atores coletivos concretos indígenas os primeiros a desenvolver o ato educacional com as artes, terras e produtos medicamentosos nas terras brasileiras.

A escola tradicional tem em seu arcabouço teórico a rigidez da formação individualista, sendo assim abre espaço para suas práticas rígidas. Com currículos engessados, professores que centraliza seu ‘passar ensinamentos’ respectivamente na oralidade, usando os conteudismo para controlar toda a sala de aula, criando uma atmosfera autoritária. Sem haver distinção, os alunos são vistos como meros atores coadjuvantes de um filme de terror, são aprendizes de um mestre que conduz suas vidas como mão de ferro transformando-se em aluno objeto. Eram sem vozes e com atenção voltada para tudo que é descrito no quadro pelo seu mestre. As aulas eram ministradas com repetições de diálogos com extrema rigidez e repetidas quantas vezes forem necessárias. Vista como educação universal, todos são iguais perante o aprender, tratando os educandos como peças fabris, com aprendizagem segmentada e fragmentada. Para os desobedientes existem os castigos, que fazem destes meios serem corretivos para valorizar o poderio da escola e do professor em sala de aula. Tudo isto, torna



estas práticas em um instrumento educacional, que tange qualquer forma de humanização e emancipação ato educativo.

Para Candau (2013), o surgimento dos escolanovistas no final do séc. XIX conhecidos como fundadores da corrente Escola Ativa ou Progressiva, teve seu ganho maior quando em suas pesquisas críticas, observaram a formalidade da didática de Comênio, percebendo a existência do elo foco da aprendizagem tradicional sendo o professor e os conteúdos. Neste caso, observou-se que desta forma o aluno não teria ganhos significativos e tornaria um modelo fabril. Portanto, começaria um forma nova de ensina com foco no aluno e objeto do conhecimento, retirando do discurso central o sucessor mestre conteudista. Candau (2013) afirma que toda a historicidade de Comênio não descredibiliza sua didática, muito pelo contrário, podemos observar o quão é grande a obra do pastor morávio quando toca as questões humanas em sua didática magna. Ainda sabendo que somos plurais e cada um de nós aprende significativamente na diferença. Podemos ter momentos de unicidade como educadores e educandos, mas somos e aprendemos nas especificidades. Sem a didática comeniana, não haveria a didática fundamental. A Unesco (2010) afirmando uma didática da multidimensionalidade, tornará o aprender a aprender um tesouro a (re) descobrir.

Para Brasil, (1939) nasceria o Decreto nº 1.190 que institui o ensino das práticas pedagógicas pela cadeira da 'Didática' nos cursos de Licenciatura em Filosofia e Letras para a formação do docente. Para os bacharelados terem seus diplomas em mãos teriam que pagar as cadeiras das Didáticas: Didática Geral; Especial; Administração Escolar; Fundamentos Biológicos da Educação; Psicologia Educacional e Sociológicos da Educação. Utilizada por todos, a didática como instrumento, é vista por muitos como uma regra e que nos dias atuais, é conduzida universalmente sem que possam ser inseridos novos contextos. Assevera Candau (2013) estamos no momento crítico em que as práticas educacionais estão sendo transformada em guia de aprendizagens, com suas técnicas mecanicistas como fossem receitas e entre outros. Temos que romper com estas imagináveis perspectivas engessadas, reducionistas e hegemônicas. Tornando os contributos educacionais fornecida pela didática, em práticas tradicionalistas.

Para Libâneo (1994) a didática é colada com as práticas pedagógicas, já que as mesmas devem estar na unicidade teoria/prática, formando o elo significativo a priori, fortalecendo a bases didáticas. A *posteriori* ofertando seus contributos concomitantemente entre aluno/objeto do aprender a aprender. A didática forma uma tríade contra hegemônica



que favorecerá a ressignificação dos estudos, que terá como princípio ativo: humana (seres diversos), política (social) e a técnica (metodologias e teorias das aprendizagens).

DIDÁTICA FUNDAMENTAL E DIDÁTICA OMNILATERAL: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS

A visão multidimensional de Candau (2013) devemos ir ao embater das práticas hegemônicas que transformam a didática e suas práticas em armas para o Estado e Governos capitalistas multiplicarem seus projetos de subalternização e dominação das mentes. Pois, sabem que os centros educacionais são espaços de discursão de saberes e fazeres e formação humana. Sendo assim, tornando o foco das instituições de ensino em meros reprodutores de falácias, fazendo da ‘ensinagem’ uma dicotomia, professor/aluno, teoria/prática, pobre/rico, negro/branco e entre outros. Para Gramsci (2004, p.21) “[...] à função da hegemonia que o grupo dominante exerce em toda sociedade e àquela de “domínio direto” ou de comando que se expressa no Estado e no governo”.

No livro “Rumo a uma nova didática” de Candau (2013) percebemos a preocupação quando afirmar que há uma tensa crise didática que transforma as práticas didáticas em instrumentos mediadores de saberes. Portanto, tudo que são tocados como instrumentos das práticas pedagógicas tornar-se em “Didáticas tradicionais”. No tocante a educação tradicional, os formados por ela foram para o campo de trabalho e muitos deles se tornaram líderes políticos sendo responsáveis pelo desenvolvimento do nosso país com suas leis nacionais. Tudo isto, leva a autora a perceber que o Brasil demanda de administradores que torne o nosso país em um seleiro das equidades, construindo uma educação com emancipação humana. Já que muitos destes estão envolvidos com inadequada conduta ao cargo que ocupam e que os mesmos foram escolhidos pelos eleitores desta honrada nação.

Para tanto, existe um meio para que possamos transformar este negativo cenário que se encontra o Estado brasileiro que é pela “educação”, e que ao usarmos a “didática fundamental, omnilateral e/ou emancipadora” poderemos dar conta e reverter este momento desolador que se encontra nossa política educacional, com práticas educativas omnilateral. Por isso, ao ser elaborada a didática fundamental focou seus conhecimentos nos educandos que deverão ser tocados a priori no seu íntimo e a *posteriori* comermos o ato educativo. Dando início a uma prática pedagógica fundamental. Desacortinada, a escola tem como um



dos principais protagonistas central deste enredo o educador. Sua profissão é vista como uma categoria profissional que vem sofrendo embargos com leis que travam os avanços sociais que toda profissão necessita. Neste caso podemos notar, aumento de carga anual de trabalho, disciplinas sendo retirada dos currículos, leis salariais sendo alteradas e etc, causa maior da educação capitalista subalternizadora.

Criam uma proposta para além da real função da categoria trabalhadora que é emancipar humanidades pelo ato educativo e liberdade pelo trabalho, ambas deverão ser na unicidade. Para Gramsci (2001) o trabalho como princípio educativo irá trazer contributos para que a formação integral/omnilateral faça que este homem se aproprie e compreenda os conhecimentos que o cerca seja tecnológicos, manuais, científicos, artísticos, cultural e entre outros. Contudo, isto só poderá acontecer se for com articulação entre a educação e o profissional. Assim, construindo os conhecimentos dos seres humanos.

Segundo a FAPESP – Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (2018) seu relatório fornecido pelo (OCED) Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, no Brasil os salários médios dos docentes do ensino fundamental e médio da rede pública, foram de US\$ 13 mil dólares ano, Chile US\$ 17,7 mil dólares e México US\$ 15,5 mil dólares ano. Sobre as horas de trabalho são de 42 semanas ano no Brasil e 40 semanas ano em outros países que fizeram parte desta pesquisa.

Para Demo (2011) uma insatisfação com a carreira do educador vem abrindo procedência para surgir uma nova carreira e/ou modalidade, a de ‘professor biscateiro, biscate e/ou professor acumulador de turmas’. Agora o importante é ter mais ganhos, já que o salário base do professor não dar conta de garantir as contas familiar do mês. A didática aqui será copiar/colar a instrumentalização, não há espaço-tempo para a prática do professor do futuro que para Demo (2011) e Candau (2013) é pela pesquisa que se forma a base da nossa educação. Isso deve ser desenvolvida nas creches pelos educadores. Parafraseando Demo, desta forma o professor biscateiro, não mais é o educador. Agora será um técnico, um mestre que forma postulante para o nada, aprendizes de mestre apenas reproduz. Para Freire (2014) uma conta depósito. Afirma Ausubel (2002) aprender por recepção. A formação do educador demanda que ela se interesse pelos saberes do mundo, e que não domine o mundo.

A teoria e a prática, deve ser pela indissociabilidade, entendendo suas especificidades quebrando o paradigma da dicotomia hegemônica e conceitos pré-formados. Na práxis a educação omnilateral comporão os saberes e fazeres indo para além de “aprender a aprender”



superando o modelo tradicional instrumental e copista. Para Gramsci (1995, p.51)

[...] certa posição teórica no sentido de organizar o elemento prático disponível para que esta teoria seja colocada em ação. A identidade de teoria e prática é um ato crítico, pelo qual se demonstra que a prática é racional e necessária, ou que a teoria é realista e racional.

Neste escopo, complementando estes estudos, a renomada Candau (2013) afirma que a teoria e prática devem ser entendidas dentro das suas multidimensionalidades, ambas se separam e se juntam, assim criando a justaposição, desintegrando a dicotomia. Ao construir esse pensar a autora da ‘Didática Fundamental’ percebe que a tríade contra hegemônica, cerne de sua pesquisa na didática terá a voz da ‘política’, que deverá ser tratada como assunto primordial entre educadores e educandos, bem como todos das escolas. Pois, somos seres humanos falamos e fazemos políticas. Não uma politicagem, com discursos vazios e direcionados a candidatos, mas com propostas concretas para que possamos na unicidade transformarmos o nosso espaço escolar, casa, de nossa comunidade, cidade, e entre outros.

O ‘humano’, será tratado como ato humanizatório, entendendo que na nossa escola somos contemplados com acuidade na alteridade e equidade, aprendendo que nestes espaços transitam povos que até então visto como invisíveis, meios estruturantes de práticas instrumentais. Tais como: nordestinos, negros, ciganos, índios homoafetivos, pessoas com deficiência e etc. A ‘técnica’, responderá necessariamente por toda esta transformação. Pois, dela surgirá caminhos que iremos tráfegar com liberdade, já que entendemos que somos diversos. Essa técnica corresponde ao grandioso campo epistemológico que é o ato de mediar conhecimentos.

Para Candau (2013), não há espaços para segmentações e/ou fragmentações, também salienta a autora, que em hipótese alguma poderemos transformar este núcleo multidimensional em um “formalismo” como fez Comênio na sua didática Magna. Por conseguinte, não é uma cartilha que devemos usar como forma exata de correção do mundo. Não são estudos matemáticos com exatidão. São portas que nos guiará a outras multidimensões dos saberes. Destarte, esta tese vem sendo desenvolvida sobre a luz do grupo GECEC - Grupo de Estudos sobre Cotidiano, Educação e Cultura (s) que nos trouxe esta base para reformular as práticas com a didática, ressignificando os alicerces nas IES que formam os profissionais da educação e os mesmos criam perspectivas para os educandos que adentram nas searas educativas, em busca de novos conhecimentos. Desta forma, irão sular novos



modos de vivências com visão de mundo multidimensional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão dos estudos da didática no pela professora Candau (2013) revela que ainda estamos colados em uma proposta que não condizente com as propostas com visão de mundo, que demanda propostas interculturais e que as multidimensionalidades proposta chave de sua recente pesquisa. A didática tradicional contradiz toda a proposta que eleva as particularidades humana, nos universaliza transformando em peças de fabricação iguais. Sem falar na grande possibilidade que esta didática torna os educandos em massa de manobra, colonizando suas mentes sem ofertar a possibilidade de voz. Diante deste discurso notamos que as práticas envolvidas com a didática tradicional evidenciam um grande retrocesso na sociedade e que nas IES e escolas criam uma trava que impede os avanços que o mundo necessita, pois as epistemologias avançam e que eliminar ‘conhecimentos outros’ das redes de comunicações educacionais e contrariar a tese da didática fundamental e didática omnilateral.

Candau (2003) analisa, em seu livro “Rumo a uma nova didática”, sendo elas: a instrumental e a fundamental, ela expressa a necessidade de transformar a didática instrumental para se chegar a didática fundamental, pois é característico dessa última uma prática pedagógica que se envolva todo “ser” em meio a sua existência multidimensional histórico, psíquico, biológico, físico, social e cultural. Pois acredita a autora, que a prática educacional deve levar em consideração as diferenças dos alunos, pois não tem como elaborar um currículo se não se conhece as característica para quem se vai aplicar.

Além disso, Candau (2003) relata a necessidade de trabalhar a teoria e a prática de maneira indissolúvel, pois na didática instrumental isso não ocorre, essa, separa a teoria da prática, já a fundamental faz dessas uma unidade, em que teoria e prática se unem, fazendo com que uma dependa da outra. As boas práticas pedagógicas fundamentadas neste trabalho, abrem precedente para novas pesquisas com o tema didática fundamental, quiçá evoluindo para a discussão omnilateral que na unicidade, nos leva a uma cosmovisão real do ensino e trabalho, e não só do trabalho.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. (Org). **Educação profissional do Pará**. EDUFPA, Pará, 2008.

BRASIL. **Decreto Lei nº 1.190 de 04/04/1939**. Organiza a Faculdade Nacional de Filosofia. 1939. Acessado em : <04/03/2018>. Disponível em: <www.senado.gov.br>

_____. **Decreto Lei nº 9.092**, de 26/03/1946. Amplia o regime didático das faculdades de filosofia, e dá outras providências. 1946. Acessado em: < 04/03/2018>. Disponível em:



<www.senado.gov.br>

CANDAU. V.M.F. (Org.) **Didática em questão**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. P. 14.

_____ **Rumo a uma nova didática**. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2013.

CANDAU. V.M.F, KOFF. A.M.N.S. Didática hoje: reiventando caminhos. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 40, nº 2, p 329-348, abr./jun. 2015. Acessado em:< 01/04/2018>. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2175-6236465058>>.

DEMO. P. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011

FREIRE. P. **Pedagogia do Oprimido**. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2014

GRAMSCI. A. **Caderno do cárceres**. Os Intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo, v2, 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2004.

_____ **concepção dialética da história**. 10. ed. Rio de janeiro: Civilização Brasileira. 1995.

LIBÂNEO. J.C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MANFREDI, S. M. **Educação profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez. 2002.

MARCONDES. M. A. S. **Jan Amos Comênio**. Recife: Massangana. 2010.

MORIN. E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2 ed. Rev. São Paulo: Cortez, 2002.

NOGUEIRA. R. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectivista. Revista da ABPN. v.3, n.6, nov.2011-2012.

SAVIANI. D. **Educação: Do senso comum à consciência filosófica**. 11ª ed. São Paulo: Editora Autores Associados. 1996.

_____ **Marxismo e Pedagogia**. **Revista Histerdbr on-line**, Campinas, p.16-27, abr 2011 - ISSN: 1676-2584.

UNESCO. **Educação um tesouro a descobrir** – relatório da Unesco para a comissão internacional sobre educação para o século XXI. Brasília: Faber-Castell. 2010.